

Camila Alves de Melo*

Universidade Federal de Goiás

Marília Forgearini Nunes**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Quando a literatura infanto-juvenil convida a desacelerar: uma análise de *A alma perdida* e *Um senhor notável*, de Olga Tokarczuk e Joanna Concejo

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar o texto verbo-visual de duas obras de literatura infanto-juvenil, *A alma perdida* e *Um senhor notável*, de Olga Tokarczuk e Joanna Concejo, a fim de refletir sobre a problemática da aceleração na contemporaneidade, com especial atenção às formas de endereçamento ao público ao qual se destinam: às crianças e jovens. A análise discute a forma como os personagens principais das obras – João e Senhor Aparecido – estão imersos nas problemáticas do tempo em que vivemos, envolvendo não só a aceleração, mas o cansaço que é fruto dela, as condutas narcisistas de espetacularização do eu, dando ênfase às performances dos sujeitos. Assim, o texto literário possibilita ao leitor (não apenas infantil e juvenil) a reflexão sobre a complexidade do mundo atual, convidando-o a desacelerar.

Palavras-chave:

Aceleração, contemporaneidade, literatura infanto-juvenil, Olga Tokarczuk, Joanna Concejo

Abstract:

This article analyzes the verbal-visual text of two literature books for young readers, *The lost soul* and *Mr. Distinctive*, by Olga Tokarczuk and Joanna Concejo, to reflect on the issue of acceleration in contemporary times, with special attention to how they address their intended audience: children and young people. The analysis discusses how the works' main characters – João and Senhor Aparecido – are immersed in

the problems of the times we live in, involving not only acceleration but also the resulting exhaustion, the narcissistic behaviors of the spectacularization of the self, and emphasizing the performances of the subjects. Thus, the literary text allows the reader (not just children and young adults) to reflect on the complexity of today's world, inviting them to slow down.

Keywords:

Acceleration, contemporaneity, literature books for young readers, Olga Tokarczuk, Joanna Concejo

A distinção entre as fases da vida, reconhecendo a infância e a juventude enquanto categorias socialmente construídas e dotadas de particularidades, complexidades, direitos e deveres, é fruto do pensamento moderno. Sem estágios de vida bem demarcados, até a Idade Média, as crianças participavam indistintamente da vida social, partilhando espaços, assuntos e práticas com os adultos (Ariès 1981). Na evolução do pensamento sobre as fases da vida, compreendeu-se que devemos tratar de *infâncias* (Barbosa 2000) e *juventudes* (Dayrell 2003), no plural, dando ênfase às diferentes formas de ser criança e jovem. Na contramão do que se viu na Idade Média, algumas representações atuais sobre esses estágios da existência humana tendem a vê-los sob uma “redoma”, o que leva a uma atitude de superproteção, ou seja, uma busca (dos adultos) por afastar as crianças e os jovens de tudo aquilo que seria (de acordo com seus julgamentos) nocivo. É nesse contexto que, por vezes, as obras literárias têm sido alvo de vigilância: morte, doenças, violência, guerra e outras problemáticas do meio social, tematizadas nos livros, são deixadas de lado (ou censuradas) em prol de outras obras menos “espinhentas”. Essa busca por um afastamento das obras que tratam de “temas fraturantes” – ou seja, temas que são sensíveis ou tabus e que provocam a desconforto dos leitores – está cada vez mais complicada, uma vez que eles vêm sendo cada vez mais explorados em livros infantis e juvenis na cena contemporânea. Assim, compreende-se que as crianças e os jovens vivem em sociedade, meio onde todas essas situações e fatos fraturantes se instauram, e tais obras apresentam a potencialidade de fazê-los refletir sobre o mundo com seus malefícios e benefícios, sendo que os primeiros, infelizmente, podem estar mais perto do que desejamos, sejamos nós crianças, jovens, adultos ou idosos. Não se trata de tornar a literatura um manual para a vida, mas para os temas da vida e das suas relações (amor, morte, traição, amizade, envelhecimento...) que ocorrem no acelerar que o cotidiano tem nos imposto e, por isso, talvez, passem despercebidos, apagados ou sejam excluídos da pauta, evitando o desconforto que gera a necessária reflexão e demandando um tempo de encarar a vida com menos velocidade.

A aceleração para além do sentido denotativo, vinculado ao campo da física, tornou-se, na contemporaneidade, um malefício que se enfrenta cotidianamente. Estamos imersos em rotinas cada vez mais abarrotadas de tarefas, com pouco espaço para o ócio necessário e, quando o praticamos, sentimos culpa por não estarmos fazendo outras atividades que temos pendentes. Tal qual o Coelho Branco de *Alice no país das Maravilhas* (Carroll 2002), vivemos apressados e com a sensação de estarmos sempre atrasados. A literatura e a sua leitura podem assumir um lugar importante ao descortinar o mundo sob a perspectiva das páginas, que permitem o ir e vir diante dos fatos narrados ou da vida poetizada, retomando, reencontrando e refletindo, possibilitando o desacelerar do tempo que corre pelas linhas, pelas imagens, um intervalo de tempo entre a capa/contracapa e as páginas por elas envolvidas, um tempo que é singular de quem lê. Trata-se de um tempo que precisa do vazio, do silêncio, da iminência do que virá, uma experiência de suspeição do tempo e do espaço que se desfazem e se refazem na perplexidade diante do texto que desacomoda, conforme argumenta Montes (2020).

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar o texto verbo-visual de duas obras de literatura infanto-juvenil, *A alma perdida* e *Um senhor notável*, a fim de refletir sobre a problemática da aceleração na contemporaneidade, com especial atenção às formas de endereçamento ao público, o qual, segundo sua ficha catalográfica, informa que são as destinatárias: as crianças e os jovens. Fazemos essa ressalva porque as duas narrativas, embora ilustradas, o que normalmente aproxima dos leitores infantis e jovens, oferecem uma experiência de leitura que não se restringe a esses grupos etários. As narrativas de Olga Tokarczuk associadas às imagens de Joanna Concejo constituem textos que, por serem literatura, deixam marcas, abrem portas para “variados mundos que nascem das inúmeras leituras que [delas se pode fazer]” (Lajolo 2018: 55), não sendo convites apenas a um ou dois grupos de leitores, mas aos leitores de modo geral, todos e todas que com essas obras se encontrarem e a partir da sua leitura conseguirem dar “existência ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente” (Lajolo 2018: 56) até que esse encontro acontecesse.

A constituição verbal e visual em uma única enunciação talvez seja um indício tacitamente assumido como referência a crianças e jovens leitores, mas é preciso ir além do entrelaçamento entre elementos de expressão no nível gráfico – texto verbal pouco extenso e texto visual figurativo –, pois corre-se o risco de limitar o texto aos leitores permitidos, tornando-se também um modo de restringir o diálogo ao que é consentido e não ao que é possível, tendo em vista a subjetividade, a ambiguidade e a dialogicidade que caracterizam a literatura e a arte dentre os fenômenos sociais e humanos, como explica Azevedo (2005: 30). Para Lewis (1967: 24, tradução nossa), a discussão não está em pensar a literatura a partir de quem a desfruta, mas do quanto ela perdura sendo uma experiência diferente a cada época da vida: “Sou quase propenso a definir como cânone que a história infantil que é desfrutada apenas por crianças é uma história infantil ruim. Os bons duram. Uma valsa da qual você pode gostar apenas quando estiver valsando é uma valsa ruim”.

O paratexto disponível na quarta capa de *A alma perdida busca*, justamente, instigar a leitura de leitores de todas as idades em diferentes tempos:

Esta é uma história que leva o leitor em busca de si mesmo, conduzindo-o a um desenlace maravilhoso e inesperado, como só os grandes contos de fadas são capazes de fazer. **Uma história que se abre para o futuro sem respostas, mas com inúmeras e fascinantes perguntas destinadas a todas as idades.** (Tokarczuk 2020, grifos nossos)

Por outro lado, essa amplitude do convite aos mais diversos leitores compreendemos que seja consequência de dois aspectos: as temáticas inerentes ao texto, mesmo que não diretas, mas aparentes a ponto de contagiarem os leitores à experiência da significação e o entrelaçamento verbal e visual que compõe um enunciado cuja leitura depende do conjunto enunciativo, sendo, portanto, texto cuja leitura demanda diferentes olhares. Ao abordarem temáticas universais, as duas obras convidam os leitores a experimentar o ponto de vista do outro. É por meio desse contágio sensível que a relação entre o texto e os leitores se estabelece na medida em que não pretende a imitação ou a aceitação do que se lê, mas o exercício cognitivo do leitor junto ao narrador baseado na fé, isto é, na aceitação da persuasão do que se narra, pela via do ficcional, em assumir o papel de interpretação, sentindo o sentido do outro sem a pretensão da empatia, mas sim uma experiência de “copresença sensível” (Landowski 2014: 18). Para isso, o entrelaçamento verbal e visual que compõe a textualidade assume papel relevante, pois ao mesmo tempo que a voz narrativa se apresenta ao leitor pela via da expressão escrita, as imagens deixam espaço para quem lê complementar as imagens verbais, enriquecê-las, subvertê-las a partir de um percurso do olhar que não se prende a uma direção única (da esquerda para a direita, de cima para baixo), recolhendo, enquanto passeia pelas páginas de modo mais livre e perscrutador, novos elementos, figuras e resguardando-os nos bolsos da sua memória e a eles retomando quando o texto os convoca ou quando o seu pensamento emerge do texto em um movimento sensível sobre o que leu.

As obras analisadas neste artigo são fruto da parceria entre duas mulheres, artistas polonesas: a escritora Olga Tokarczuk e a ilustradora Joanna Concejo. Olga foi agraciada com o Nobel de Literatura no ano de 2018, com o livro *Sobre os ossos dos mortos*, cuja publicação data de 2009. Em 2021, Joanna recebeu, pelas ilustrações do livro *Sénégal* (autoria de Arthur Scriabin), o Grand Prix de l'illustration jeunesse, prestigiado prêmio francês de ilustração. A tradução de ambas as obras para o português brasileiro foi feita por Gabriel Borowski.

O livro *A alma perdida* (Figura 1) foi publicado em 2017, chegando ao Brasil apenas em 2020, pela Editora Todavia, que também é responsável pela publicação de outras obras de Tokarczuk. Em 2018, a obra recebeu Menção Especial do Prêmio Bologna Ragazzi e foi selecionada para compor o catálogo anual White Ravens.

Um senhor notável (Figura 2) foi publicado em 2023, chegando ao Brasil no mesmo ano, pela editora Baião. Em 2023, recebeu o Selo Cátedra 10 – oferecido pela Cátedra Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de Leitura da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – e, em 2024, integrou a lista de “Altamente recomendáveis” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e foi premiado, também pela fundação, como melhor livro na categoria tradução/adaptação jovem. Também foi eleito para compor o guia de Destaques Emília no ano de 2023.

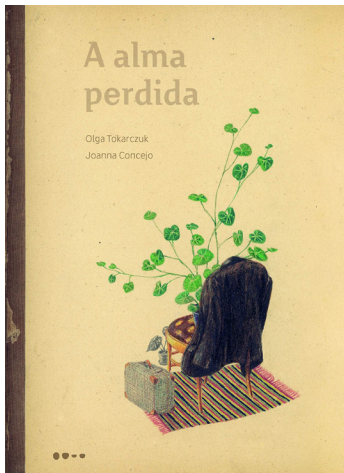


Figura 1 — *A alma perdida*

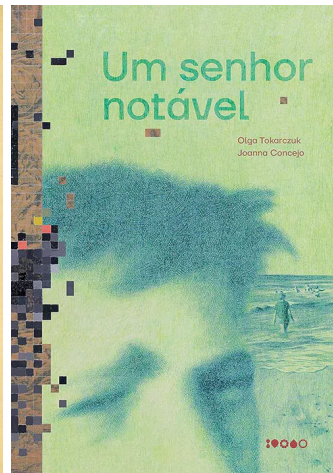


Figura 2 — *Um senhor notável*

Fonte: Tokarczuk (2020) e Tokarczuk (2023)

Ambas as obras já foram distribuídas para os assinantes do Clube de Leitura Quindim, um dos maiores clubes de assinatura de livros do Brasil voltado para crianças e jovens, que conta com a curadoria de especialistas em literatura infantil e juvenil e que, segundo o próprio informa em seu site,¹ já atingiu mais de 50 mil crianças. *A alma perdida* foi selecionada para compor o Acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático — PNLD 2023 Literário para o ensino fundamental, Anos Iniciais — sendo indicada dentro do gênero conto, crônica e novela na Categoria 02 — Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

A seguir, ofereceremos aos leitores deste artigo uma síntese das obras, que de forma alguma elimina a necessidade de apreciá-las na íntegra. Na sequência, iremos proceder à análise dos dois livros.

A caracterização dos dois livros como livros ilustrados demarca fortemente que essas obras oportunizam leituras que envolvem olhar atento e sensível às linguagens (verbal e visual) que constituem os textos, um enunciado único que é verbo-visual, não havendo possibilidade de uma leitura apenas dos elementos verbais ou visuais em separado. Como afirma Rocha (2024: 84): “Ao expandir a leitura do verbal e associá-la à leitura do visual, o leitor passa a ser produtor de sentido a partir de duas linguagens distintas [mas complementares na textualidade], o que requer dele habilidade para que a leitura flua de

modo eficiente”. A escritora Olga Tokarczuk e a ilustradora Joanna Concejo tornam-se autoras de um texto único, oferecem pontos de vista diferentes para uma mesma narrativa e em cada uma dessas narrativas o que se quer dos leitores é o olhar atento para uma leitura sensível, um convite ao desacelerar.

A alma perdida é um livro ilustrado que começa com a premissa dos Contos de Fadas: “Era uma vez”. É um narrador onisciente que nos conta a história de João, um homem que trabalhava com pressa e sem descansar, ao ponto de deixar a alma em algum lugar distante. Em uma de suas viagens constantes, ele acorda sem saber onde estava e muito menos como se chamava (o que vem a descobrir a partir de seu passaporte no fundo da mala). Assustado, foi ao encontro de uma médica, que o informa que possivelmente sua alma se perdeu, impossibilitada de acompanhá-lo em sua aceleração. O remédio sugerido é encontrar um lugar para esperar, com paciência, o retorno da alma. Acompanhamos, então, a partir das ilustrações, o tempo de espera de João, sentado em uma cadeira no interior de uma casinha rodeada pela natureza. Em paralelo à sua espera, a sua alma, personificada por uma menina, vai passando pelos lugares em que ele esteve em outros tempos, refazendo seus passos até encontrá-lo sentado na cadeira na casinha rodeada pela natureza. A narração final vem coroada pelo “felizes para sempre” em um ritmo de vida em que João e sua alma fazem tudo em uma velocidade em que ambos podem seguir sempre juntos.

Um senhor notável também é um livro ilustrado que começa com a premissa do “Era uma vez”. Aqui, um narrador onisciente nos conta a história de um homem que foi denominado de “Senhor Aparecido”, já que tinha um rosto marcante e não passava despercebido por onde andava. Ele gostava de sua aparência e, frequentemente, postava-se em frente ao espelho para olhar-se com profunda admiração. Um dia, ele compra um supercelular e passa a tirar inúmeras *selfies* (autorretratos) em diferentes lugares e situações. De repente, percebe que seu rosto vai se tornando cada vez menos nítido, fruto dos “cliques” frequentes. Nesse caso, a única alternativa era buscar um novo rosto, de maneira ilegal, caríssima e em um lugar asqueroso. Assim feito, consegue um rosto expressivo e à prova de cliques, que o deixou muito feliz a princípio. Porém, ao ir à cafeteria, ficou horrorizado ao perceber que todos à sua volta tinham os rostos iguais ao dele. Diferentemente do livro anterior, aqui não vemos um “felizes para sempre” fechando o texto verbal, mas a fala de uma garota, dirigida a um Senhor Aparecido perplexo: “Você se acostuma”.

Findada essa tentativa de síntese das obras, passaremos à análise do texto verbo-visual, levando em consideração a questão central da aceleração, que aparece de diferentes formas nas duas obras, tanto no enredo quanto na concepção editorial-gráfica dos livros, o que provoca a refletir sobre como isso se relaciona com o endereçamento ao público e com a experiência da leitura em si.

Tanto João como o Senhor Aparecido se veem tragados pelos problemas da contemporaneidade: aceleração, cansaço, narcisismo, espetacularização do eu e ênfase nas performances.

No primeiro caso, João está imerso naquilo que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015) denominou “Sociedade do cansaço”, cuja ênfase no desempenho leva a um cansaço excessivo. Ainda, afirma que o “excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma.” (Han 2015: 71). O autor utiliza exemplos, como a síndrome de *Burnout*, para falar sobre o sofrimento psíquico que se tornou símbolo de nosso tempo. Assim, cada espaço das rotinas diárias é preenchido por atividades, esquecendo que a atenção e o tédio profundos (este último fonte do descanso espiritual) e a ação contemplativa são essenciais. Han retoma Nietzsche (*apud* Han 2015: 37) ao tratar do contemplativo:

Por falta de repouso nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.

É nesse universo de aceleração e excessos que João constitui sua vida:

Era uma vez um homem que trabalhava com muita pressa e sem descanso, e que havia muito tempo já tinha deixado a própria alma em algum lugar distante. Sem a alma, a vida dele até que era boa — ele dormia, comia, trabalhava, dirigia um carro e ainda jogava tênis. Mas, às vezes, ele tinha a impressão de que tudo a sua volta ficara plano e sem graça [...]. (Tokarczuk 2020)

João começa a sentir um incômodo pela rotina acelerada, em que seu corpo físico comparece, certamente exausto, aos compromissos, mas sua essência, sua alma, não marca presença, não consegue acompanhá-lo. Ao lado do texto verbal anteriormente citado, vemos uma representação de João, utilizando terno e gravata, sentado em uma cafeteria e tomando seu café. João está levemente curvado e a ilustração traz apenas diferentes tons de preto (Figura 3).



Figura 3 – João

Fonte: Tokarczuk (2020)

A questão da cor é um elemento central na constituição da narrativa visual. O que traz para a obra cores diferentes das tonalidades de preto é a aproximação da alma de João, representada pela menina, que vai percorrendo os lugares que ele visitou no passado até encontrá-lo. Ao passo que a última representação de João no livro, acompanhado de sua alma, é um inverso do monocromático visto no início da obra:



Figura 4 – João e sua alma

Fonte: Tokarczuk (2020)

A narrativa verbal encerra informando que

João passou a prestar muita atenção para não fazer nada numa velocidade que sua alma não pudesse acompanhar. Ele ainda fez mais uma coisa: enterrou no quintal todos os seus relógios e suas malas de viagem. Dos relógios nasceram belas flores coloridas, parecidas com campânulas, e das malas brotaram grandes abóboras com as quais João se alimentou durante todos os invernos tranquilos que seguiram. (Tokarczuk 2020)

João desacelerou e tornou-se um apanhador de desperdícios, tal qual o poema de Manoel de Barros (2018: 25):

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.

Nas ilustrações, a presença de uma natureza viva e colorida é marcante nessa nova fase de João (como aparece também na Figura 4) que, simbolicamente, enterra seus relógios. O relógio é o símbolo máximo da passagem e do controle do tempo, não à toa o poeta Mario Quintana (2013) o define como o “mais feroz dos animais domésticos”, pois conhece um que “devorou gerações” de sua família. Desacelerado, o relógio já não controla mais João, o tempo não o devora e a tranquilidade das coisas desimportantes passam a ser valorizadas por ele. Cabe retomar aqui a necessidade de reivindicação do tempo para a própria humanização, como defendeu Antonio Candido (2006):

Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, ‘tempo é dinheiro’. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: ‘eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize’.

O João que aguarda sua alma está sentado em uma cadeira, tendo à sua frente uma mesa e a janela da casinha que escolhe para viver essa espera. Em página dupla, vemos, do lado esquerdo, a alma/menina visitando os lugares onde ele esteve e, do lado direito, João aguardando sentado à mesa. Essa forma de ilustração se repete por cinco vezes, com a menina em diferentes espaços e João, de costas, com seu cabelo e barba crescendo a cada virar de página, mostrando ao leitor a passagem do tempo. Nessa espera, João está sempre acompanhado por plantas e, às vezes, por animais; ele toma chá, vê uma cena de romance na televisão e lê cartas. João, antes imerso em uma rotina de muito trabalho sem descanso, reivindica o próprio tempo para si, para praticar uma espera paciente e de retomada da sua humanização.

O tom memorialístico, do percurso de vida retomado para buscar o reencontro consigo, é demarcado pela sutileza do traçado em lápis dos desenhos que nos colocam nos lugares da memória e da espera de João. As tonalidades de preto, colorindo de cinza os espaços onde a espera acontece e as experiências do cotidiano observado pela criança-João, opõem-se

ao colorido das folhas verdes e flores das muitas plantas que preenchem o local de espera, a espera torna-se vida renovada (Figura 5). Associado a isso, o papel quadriculado, que serve de suporte para as imagens, acrescido de fotos antigas, tudo reforça o sentido de retorno ao passado, o dar-se tempo de parar e relembrar.



Figura 5 – O local de espera de João

Fonte: Tokarczuk (2020)

Passando a *Um senhor notável*, o que vemos é um processo gradual de desumanização. A figura narcísica do Senhor Aparecido, que já nutria uma admiração exacerbada por si mesmo, vê seu processo de desumanização acelerar quando compra um supercelular e passa a fotografar-se com frequência. A fotografia é o ponto central dessa narrativa. Nas primeiras páginas, podemos ver o que talvez sejam alguns registros do Senhor Aparecido durante sua infância e juventude, acompanhado dos pais, dos irmãos, do cachorro, com o Papai Noel, fantasiado, montando a cavalo, dançando, pulando na piscina, entre outros. Nenhum autorretrato, apenas registros feitos por outros, planejados, em sépia, alguns com as bordas brancas características das fotografias antigas (Figura 6).

Figura 6 – Registros fotográficos em *Um senhor notável*

Fonte: Tokarczuk (2023)

Ao refletir sobre o ato de fotografar, Lucia Santaella (2012) observa que as câmeras digitais e os telefones celulares com câmera tornaram a ação de fotografar um ato trivial e indiscriminado, pois permitem refazer os registros quantas vezes forem necessárias, diferentemente do que acontecia com as câmeras analógicas, em que o clique tinha que ser planejadamente certo. Antigamente, éramos limitados pelas 24 ou 36 “poses” do filme analógico, hoje temos a possibilidade de refazer inúmeras vezes uma *selfie* que não tenha garantido nosso melhor ângulo, enchendo as “galerias” ou “álbuns” dos dispositivos de inúmeras fotos praticamente iguais.

Nas fotografias, revela-se o “[...] ato de escolha [...]” (Santaella 2012: 76), que coloca sob o enquadramento o ponto de vista de quem fotografa sobre aquilo que é fotografado. É assim que o Senhor Aparecido enquadra a si mesmo como elemento principal de seus registros (Figura 7):

Não é de estranhar, portanto, que depois de ter comprado um supercelular com uma câmera do modelo mais recente, ele tenha passado a tirar selfies com imenso prazer. Agora sua cara expressiva aparecia na frente de diversos lugares que visitava. Atrás dela, delineavam-se cidades, monumentos, nuvens e mares. Lá estava ele, e ao fundo também se viam florestas, o trânsito ou livrarias cheias. O Senhor Aparecido se fotografava em qualquer canto para que ninguém tivesse dúvidas de que ele era um homem sério e conhecia o mundo tão bem quanto o mundo o conhecia. (Tokarczuk 2023)

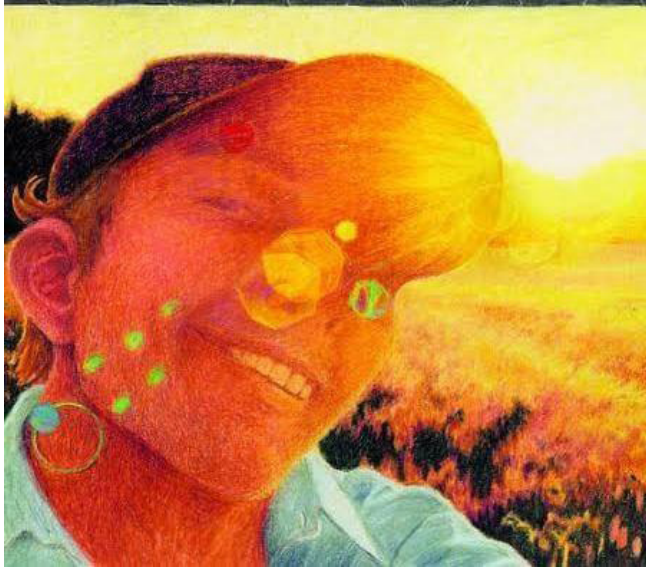


Figura 7 – Selfie do Senhor Aparecido

Fonte: Tokarczuk (2023)

Para que ninguém tivesse dúvidas de seu conhecimento do mundo, a fotografia servia como documento de prova que “[...] registra o fato, o acontecimento. Sem o registro, um acontecimento deixa de existir, perde-se nas brumas e poeiras do tempo. Nada mais eficaz do que uma foto para fornecer provas indiscutíveis de que algo aconteceu” (Santaella 2012: 88). Mais importante do que estar em algum lugar e vivenciar a estadia, é produzir os registros que provam para os outros que ela aconteceu.

Sobre o local onde esses registros eram depositados, o narrador nos conta: “Por muito tempo, inúmeros retratos do Senhor Aparecido circularam pelas redes.” (Tokarczuk 2023). O paratexto da quarta capa informa que: “ele começou a postar selfies com imenso prazer e logo a prática se tornou uma obsessão.” (*ibidem*).

As redes sociais são locais de autopromoção e de exibição das performances de diferentes sujeitos, de celebridades a anônimos, que devem performar nas telas uma felicidade visível, constituindo uma subjetividade que busca olhares e aprovações (Sibilia 2015), ou visualizações e *likes*. Ao discutir a performatividade característica de nossos tempos, Sibilia retoma o conceito de Guy Debord (1972) de “sociedade do espetáculo”, regida unicamente pelas aparências.

As redes sociais são produzidas em um sistema de rolagem infinita, para que o usuário permaneça dentro da plataforma visualizando as postagens. Ao mesmo tempo, nesses espaços há uma prática de supervalorização dos vídeos e textos curtos, visando satisfazer o desejo de informação rápida dos usuários. A aceleração e o consumo volátil, por vezes sem muita reflexão, são marcas permanentes desses espaços. Inclusive, o

paratexto da quarta capa problematiza o fato de que, no livro, “as sombras do universo digital se mostram com contundência e nitidez” (Tokarczuk 2023). E é justamente nas redes sociais digitais que o Senhor Aparecido espetaculariza a si mesmo, produzindo autorretratos, compartilhando-os obsessivamente e buscando a aprovação dos demais sobre sua aparência e aquilo que faz.

Quando começa a ter suas formas transformadas pelo excesso de retratos, sente falta da atenção que recebia pela sua beleza, mostrando uma fragilidade diante da possibilidade de não ser notado. Senhor Aparecido recebe então um novo rosto, a princípio apreciado, mas logo rejeitado por perceber que é igual a tantos outros, apontando não só para a sua necessidade de ser notado, mas também de ser diferenciado dos demais.

O Senhor Aparecido descortina uma problemática do nosso tempo em que os autorretratos se tornaram meio de mostrar ao mundo que estivemos em lugares, participamos de eventos, vivemos intensamente. Não há como retornar ao tempo somente da fotografia posada registrada por uma câmera localizada a certa distância dos sujeitos fotografados. Os *smartphones* vieram e ampliaram a possibilidade de registro e edição rápidos e ágeis na realização e divulgação da imagem, alterando o ponto de vista das imagens fotográficas. As *selfies* apresentam imagens com uma perspectiva enviesada que foca no sujeito imerso na cena da qual se vê apenas alguns detalhes (por exemplo, a Figura 7 do autorretrato digital do Senhor Aparecido). O sujeito torna-se o foco da imagem, fazer uma selfie tornou-se “uma atitude trivial e recorrente, que vem sendo apropriada por pessoas de diferentes sociedades, culturas, faixas-etárias e condições sociais em todo o mundo” (Medeiros/Medeiros 2025: 68). A narrativa de Tokarczuk associada às imagens de Concejo nos convida a pensar sobre o que registramos dos lugares por onde passamos, das experiências que vivemos quando o ponto de vista assumido é o do próprio espelho.

O contraste da paisagem com a praia de águas verdes em relação ao reflexo opaco no espelho do banheiro enevoado pela umidade, presente na Figura 8, provoca a pensar sobre o que oferecemos aos outros daquilo que vemos em nosso cotidiano: uma imagem viva ou esmaecida; a vida lá fora ou o cotidiano interior; um ponto de vista de quem somos ou algo falseado.

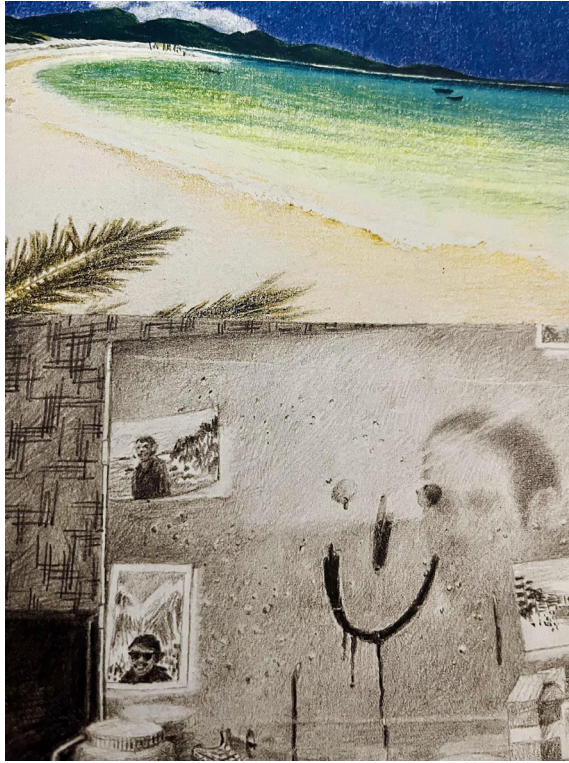


Figura 8 – Entre a praia e o reflexo no espelho enevoado do banheiro.

Fonte: Tokarczuk (2023)

Se antes o autorretrato era um modo do artista se tornar visível (ou notável para usar o adjetivo do título da narrativa), hoje os autorretratos digitais ou *selfies* são pontos de vista que nos afastam da paisagem. A paisagem que João reencontra porque se dá tempo de parar e lembrar, reparar. Como alerta Sibilia (2015: 363), será necessário saber contornar ou explorar, de algum modo, isso que leva as subjetividades contemporâneas a se mostrarem desesperadamente e da maneira que for tentando conquistar as vitrines dos meios de comunicação e do mercado para ter a garantia de que existem e são alguém.

As duas narrativas alertam para um necessário retorno ao olhar para o mundo, vislumbrar a paisagem observável, não uma paisagem que está nas nossas costas como cenário (das *selfies* de Aparecido), mas uma paisagem que está à frente emoldurada pela janela que é um vão para ver o mundo (como a janela na sala de João). As duas narrativas propõem discursos pelo rearranjo da rotina, sensibilizando os leitores, convidando-os a um tempo para o deslumbramento diante do inesperado que o cotidiano também pode oferecer, seja um simples brincar na neve, como se apresenta aos leitores nas páginas iniciais de *A Alma perdida*, ou uma cena de praia lotada que se tornará mero detalhe de uma *selfie* caso o rosto não esteja

desfocado como nas páginas iniciais de *Um senhor notável*. A mistura de referências – de um passado reencontrado em fotografias e lembranças, e de um presente em que ocorre a perda de si mesmo por tanto olhar somente para si – é o que torna as narrativas verbo-visuais das obras analisadas um convite para o desacelerar do tempo, estagnar o corpo, ativar a mente e o olhar enquanto percorre as páginas e lê. Se o convite for aceito por crianças e jovens, ainda há tempo de desacelerar; se for aceito por adultos e idosos, há tempo de repensar.

A leitura de literatura é assumida neste texto a partir de sua função humanizadora (Candido, 2004), do convite que ela faz a quem lê ao encontro com a vida e com as suas relações. No caso das duas obras analisadas, esse convite se dá a partir do entrelaçamento entre linguagens, a verbal e a visual, configurando um enunciado único que não impõe um comportamento, mas torna o texto maleável ao olhar que tanto vê as imagens quanto as palavras, relacionando-as e contrastando-as para a completude da textualidade e do sentido. As autoras Olga Tokarczuk e Joanna Concejo oferecem uma obra a partir da qual quem lê acessa o ponto de vista narrador pela palavra, mas se vê impelido a dar voz ao que vê na imagem. Nikolajeva e Scott (2011: 155) explicam, a partir da narratologia, que, na distinção entre ponto de vista (“quem vê”) e voz narrativa (“quem fala”), em livros que entrelaçam palavra e imagem, as palavras são a voz narrativa e as imagens são o ponto de vista. As autoras observam que o texto verbal também pode ter/oferecer um ponto de vista e que as imagens podem ser narradas, mas entendemos que na textualidade das obras analisadas, quem lê acessa o narrado, mas não se limita a ele, pois tem acesso ao ponto de vista das imagens que se abrem aos olhos do que cada um pode ver conforme quiser ver. Daí que tais leituras resultem em sentidos que tanto podem seguir a trilha do narrado quanto podem elaborar trilhas singulares considerando que ao que se narra, no texto verbal, entrelaçam-se imagens que propiciam outros pontos de vista, oferecendo uma leitura desacelerada para dar conta de ler/ouvir as palavras e se deixar ver as imagens articulando sons, formas e cores.

NOTAS

* Camila Alves de Melo é licenciada em Pedagogia e Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem especialização em Literatura Infantil e Juvenil e em Práticas Educativas em Bibliotecas Escolares pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS, com a tese "Bookstagram & BookTube: efeitos de condução da conduta leitora a partir dos compartilhamentos entre influenciadores literários e seus seguidores", defendida em 2022. É professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), na área de Fundamentos da Biblioteconomia nos contextos social, cultural e educacional.

** Marília Forgearini Nunes é Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, na área Didática dos Anos Iniciais, leitura e escrita. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS). Licenciada em Letras, com habilitação nas línguas portuguesa e inglesa e respectivas literaturas (1999), Mestre em Letras (2007) e Doutora em Educação (2013) com a tese "Leitura mediada do livro de imagem no Ensino Fundamental: letramento visual, interação e sentido". Associada à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no GT10 Alfabetização, leitura e escrita. Editora Associada da Revista GEARTE. Pesquisa, desde 2005, educação literária com foco nos processos de mediação voltados ao desenvolvimento cognitivo e dos letramentos verbal e visual para a compreensão de textos literários infantil e juvenil.

¹ Disponível em: <https://quindim.com.br/>.

Bibliografia

- Ariès, Philippe (1981), *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- Azevedo, Ricardo (2005), "Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil", in *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil*. São Paulo, DCL: 25-46.
- Barbosa, Maria Carmen Silveira (2000), *Por Amor & Por Força: Rotinas na Educação Infantil*. Campinas, São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- Barros, Manoel (2018), *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro, Alfaguara.
- Candido, Antonio (2004), "O direito à literatura", in *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo, Duas Cidades; Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul: 169-191.

- (2006), “Escritor Antonio Candido inaugura biblioteca do MST e fala da força da instrução”. ASSUFRGS, <[https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmVcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt](https://www.assufrgs.org.br/2006/08/11/escritor-antonio-candido-inaugura-biblioteca-do-mst-e-fala-da-forca-da-instrucao/#:~:text=%E2%80%9CEssa%20escola%20quer%20ser%20um,de%20Guararema%E2%80%9D%2C%20concluiu%20Stedile.> (último acesso em 06/08/2025).</p><p>Carroll, Lewis (2002), <i>Alice no País das Maravilhas</i>. Rio de Janeiro, Zahar.</p><p>Dayrell, Juarez (2003), “O jovem como sujeito social”, <i>Revista Brasileira de Educação</i>, nº 24: 40-52, < (último acesso em 06/08/2025).
- Debord, Guy (1972), *A sociedade do espetáculo*. Lisboa, Afrodi.
- Han, Byung-Chul (2015), *A Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis, Vozes.
- Lajolo, Marisa (2018), *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo, Editora Unesp.
- Landowski, Eric (2014), “Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido”. *Galáxia*, nº 27, São Paulo: 10-20, <<https://doi.org/10.1590/1982-25542014119609>> (último acesso em 06/08/2025).
- Lewis, C. S. (1967), *Of Other Worlds: Essays and Stories*. Harcourt, Brace e World.
- Medeiros, Rosângela Fachel de / Rosana Fachel de Medeiros (2025), “Do trivial ao inusitado: a criação de selfies por adolescentes em sala de aula”. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 21, nº 1, Florianópolis: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/23611>> (último acesso em 06/08/2025).
- Montes, Graciela (2020), *Buscar indícios, construir sentidos*. Salvador, Selo Emília e Solisluna Editora.
- Nikolajeva, Maria / Carole Scott (2011), *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo, Cosac Naify.
- Quintana, Mario (2013), *Caderno H*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Rocha, Sheila Bischoff (2024), “Ou você vê ou não vê”: Os Marvels, relação verbo-visual, construção de sentidos e formação do leitor literário no Ensino Fundamental II. Porto Alegre, 2024. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Santaella, Lucia (2012), *Leitura de imagens*. São Paulo, Melhoramentos.
- Sibilia, Paula (2015), “Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível”. *Revista Fronteiras*, v. 17, nº 3, Rio Grande do Sul: 353-364, < <https://doi.org/10.4013/fem.2015.173.09>> (último acesso em 06/08/2025).
- Tokarczuk, Olga (2020), *A alma perdida*. Tradução de Gabriel Borowski. 1. ed. São Paulo, Todavia.
- (2023), *Um senhor notável*. Tradução de Gabriel Borowski. 1. ed. São Paulo, Baião.